

Sino Azul

Nº 1 de 1962

50

ANOS DE
SERVIÇO



REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES

ANO XXXV Nº 1 — 1962

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

✧

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPIRITO SANTO

✧

NOSSA CAPA

Alfredo Gomes é o primeiro funcionário da Telefônica a alcançar a invejável marca dos 50 anos de serviço. Antônio Ferrão Lopes coroou-o, numa homenagem de toda a Companhia na festa dos veteranos de São Paulo.



2.000

NOVOS

TELEFONES

Considerável reforço na área da estação «36», em Copacabana, plena zona sul do Rio de Janeiro.

A Companhia Telefônica Brasileira, ao fechar do ano de 1961, entregou ao público carioca, justamente numa das áreas consideradas mais críticas, na rede da Guanabara — a chamada Zona Sul — em pleno coração de Copacabana, na estação “36”, mais dois mil aparelhos que se destinaram, principalmente, a atender a transferências de outras estações, algumas das quais, há meses e meses à espera de facilidades.

A cerimônia inaugural desse melhoramento, coincidiu com a data festiva do aniversário da gestão do Governador Carlos Lacerda, à frente dos destinos da Guanabara, o qual compareceu pessoalmente ao ato solene inaugural, acompanhado de deputados e diversas autoridades, presentes ainda, todos os diretores e responsáveis em escalões diversos, por serviços na CTB.

Tendo tido oportunidade de discursar na ocasião, o Sr. Governador ressaltou o valor da equipe técnica da concessionária, frisando o seu desejo de ver resolvido um problema de magna importância para um dos Estados que é justamente reconhecido como dos mais progressistas da União. Salientando o esforço que reconhecia ser aquela inauguração, para a CTB, terminou por realizar a chamada de um dos assinantes, servido por uma das linhas então inauguradas.

O Governador foi saudado, em nome dos demais diretores da Telefônica, pelo Dr. Antonio Gallotti, cujo discurso, foi uma exposição breve e feliz, da atual situação do problema telefônico no país.

Afirmou o Dr. Gallotti que havia ali, naquela ocasião, “uma certa marca de desalento pelo pouco que



A cerimônia de inauguração, quando o Dr. Antonio Gallotti, em nome da diretoria da concessionária, proferia o seu discurso de homenagem ao Governador Carlos Lacerda, o qual aparece ladeado por diretores da CTB e por altas personalidades do governo estadual que prestigiaram, com as suas presenças, a entrega dos novos telefones a moradores da zona sul.

se fizera,» diante do muito que se poderia ter feito, "se a imposição, no curso dos três últimos lustros, de terríveis distorções financeiras, não tivesse aniquilado a capacidade de expandir os serviços ao ritmo exigido pelo nosso grande Estado".

Mais adiante, o orador afirmou que a Companhia vive uma dura crise, que nem é recente nem lhe é peculiar, porque é comum a todos os serviços públicos do país, sem exceção, como ferrovias, portos, energia elétrica, navegação, transportes em geral, e tantos outros. Essa crise, teve início, afirmou, "quando começou a rolar a avalanche inflacionária, gerando o processo de estagnação dos serviços de utilidade pública que ficaram amarrados a tari-

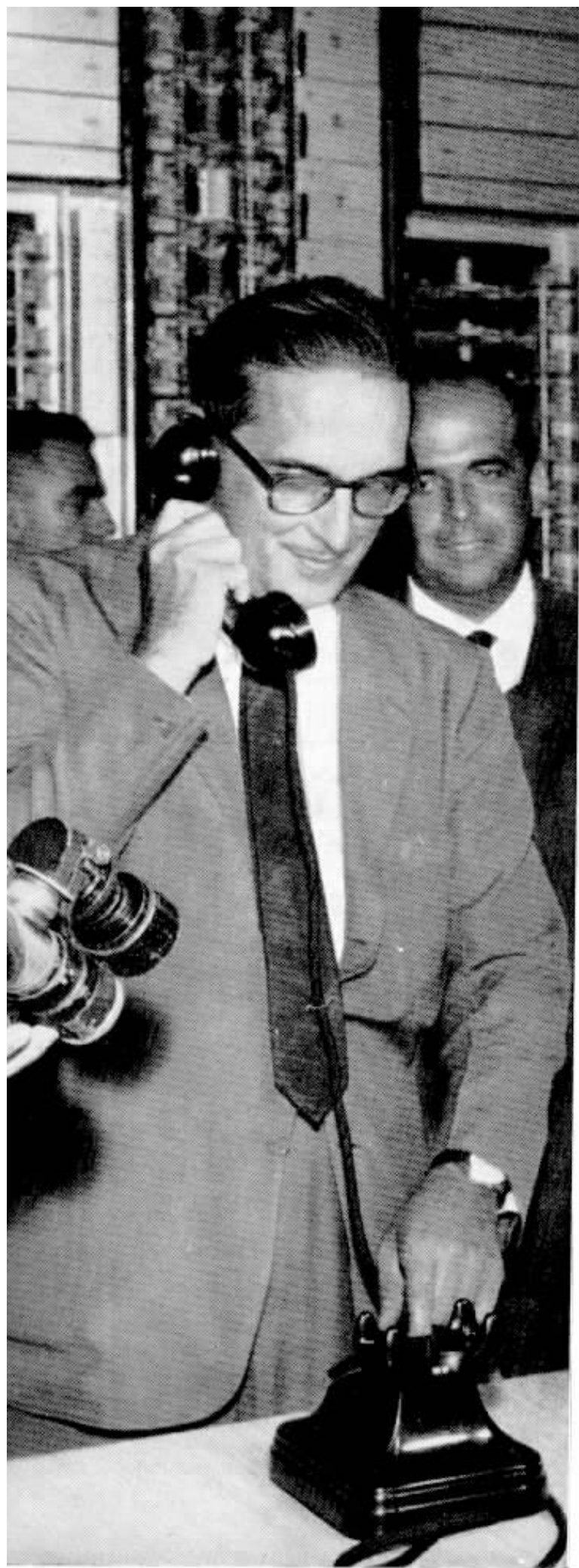
fas rígidas, sem dispor dos mecanismos fiscais do poder estatal para financiar os seus empreendimentos, e sem poder corrigir os preços em harmonia com os imperativos da lei econômica, como é facultado a todos os demais setores da atividade privada. Outras razões — e algumas salutares — exigiram um volume cada vez maior de serviços, tais como o desenvolvimento nacional, a melhoria dos níveis de vida e o gigantesco crescimento dos centros urbanos."

NÚMEROS POSITIVOS

Em breves traços, prosseguiu o Dr. Gallotti, citando agora, alguns números decisivos para a compreensão da crise atual. "Quando a C.T.B. assu-

miu o serviço em 1922, — disse — o Rio contava com 29.377 telefones." "Vinte anos de operação da Companhia, em 1942, produziram o total de 132.000 telefones, com o integral atendimento de todos os pedidos, e com folgas tão consideráveis que, apesar da guerra, quando suspenso o fabrico de equipamentos, foi possível manter, nos três anos subsequentes, o atendimento imediato de todas as novas ligações solicitadas. Desde a guerra conseguiu a Companhia fazer maior número de instalações do que fizera anteriormente, tendo, assim, hoje, em funcionamento, 344.843 telefones."

"E de acentuar — frisou o orador — que, nos últimos oito anos, já no regime de majorações cam-



biais sucessivas e crescentes, em pleno processo de elevação de custos e de aviltamento da moeda, e com os preços dos equipamentos importados em ascensão a jato, ainda pôde a Companhia instalar 58 mil terminais. Naquele tempo, havia para cada cem habitantes do Rio, seis telefones. Hoje, com as dificuldades tôdas, há onze.

Quando o salário-mínimo era de Cr\$ 240,00, uma assinatura custava Cr\$ 40,00, ou seja, 1/6 daquele salário; agora, o salário-mínimo é de Cr\$ 13.400,00 e a mesma assinatura residencial custa Cr\$ 500,00, ou sejam 1/26 daquele salário.

E' uma situação de sacrifícios para a Companhia, manter os seus serviços funcionando.

Há treze anos não são distribuídos dividendos aos acionistas, reinvestindo-se nos serviços, os resultados totais da operação. A Companhia vem reduzindo ao mínimo seus gastos de administração, sem capacidade para atrair novos capitais, tanto no mercado interno como no externo, porque os investidores, naturalmente, procuram atividades mais rendosas e menos expostas à crítica. Assim mesmo, pôde a Companhia viver minutos como aqueles da inauguração dos dois mil novos telefones para a Zona Sul. Será pouco talvez, afirmou, mas tudo quanto se fez foi à custa de esforços financeiros inauditos e de dedicações pessoais de uma equipe de técnicos e servidores, a cuja competência, devotamento e espírito público, "quero aqui, render minha maior homenagem."

O governador Carlos Lacerda fez a primeira chamada no serviço então inaugurado.



O Dr. Milton Sales, representando o governador Magalhães Pinto, e o prefeito de Três Corações, Sr. Odilon Rezende Andrade, desataram a fita simbólica na solenidade de inauguração. Ao centro, aparece, ainda, o Dr. Augusto de Lima Neto, Diretor Superintendente-Geral da CTMG.

Telefones Automáticos em Três Corações

MODERNO serviço de telefones automáticos foi inaugurado na cidade de Três Corações, em Minas Gerais, pela Companhia Telefônica desse estado.

Trata-se de equipamento de alta qualidade, fabricado e montado pela Siemens e com uma capacidade inicial de 400 linhas, com previsão para substanciais aumentos.

O acontecimento de real magnitude, deu à bela cidade um aspecto festivo, uma vez que se trata, de fato, de um marco positi-

vo de desenvolvimento para o município.

Numa demonstração de regozijo do povo tricordiano pelo acontecimento, a Prefeitura Municipal chegou a decretar feriado, tendo o comércio cerrado as portas para as comemorações oficiais.

O ato solene teve a presença do representante do governador Magalhães Pinto, Dr. Milton Sales, presidente da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais; do deputado Manoel Taveira e de prefeitos municipais de cidades

vizinhas, além de destacadas figuras da vida pública local, diretores e altos funcionários da CTMG e da Siemens, convidados especiais e numeroso público.

Coube ao Dr. Odilon Rezende Andrade, prefeito de Três Corações, cortar a fita simbólica que vedava a entrada do moderníssimo prédio onde se encontra a central telefônica automática de Três Corações. Monsenhor José Fonseca, vigário local, procedeu em seguida à bênção das instalações, que foram



O Sr. Pedro Renault Castanheira, Diretor Vice-Presidente da Companhia Telefônica de Minas Gerais, entusiasta número um e pioneiro do autofinanciamento no país, também falou no ato.



logo após visitadas pelos presentes, em companhia dos diretores e funcionários da CTMG.

Entrega do serviço

Fazendo a entrega dos novos telefones automáticos, ao povo de Três Corações, discursou o Dr. Augusto de Lima Neto, diretor superintendente-geral da CTMG, o qual se dirigiu às autoridades presentes para saudá-las em nome de sua empresa, honrada, ali, com a presença do representante do senhor governador e do deputado Manoel Taveira que fizeram questão de prestigiar o acontecimento, indo até Três Corações.

Do discurso do Dr. Lima Neto — bastante aplaudido — colhemos este trecho:

"Dada a situação cambial vigente no país, à depreciação da nossa moeda e à elevação do custo de vida, que vai, dia a dia, alcançando índices mais asfixiantes, torna-se hoje impossível, a qualquer empresa — particular ou estatal — fazer frente a programas de novas instalações de telefones, porque sendo o equipamento em grande parte fabricado no estrangeiro, apesar de já estar sendo em parte fabricado no país, seu custo vai num crescendo, elevando-se astronômicamente, sendo impossível à empresa acudir, com seus próprios recursos, àquela elevação. Basta dizer que uma linha telefônica que nos custava em 1959 cerca de 20 mil cruzeiros, já hoje não pode ser instalada por menos de 80 a 100 mil cruzeiros — e não se sabe o quanto deverá custar nos próximos meses, tendo-se em vista que a inflação prossegue inexoravelmente, a provocar a elevação constante dos preços.

Parte do moderníssimo equipamento recém-inaugurado.

Porisso mesmo foi possível esquematizar-se aquilo que se passou a chamar de autofinanciamento, modalidade que tem como base a participação dos usuários no empreendimento, fazendo-os sócios do negócio e, portanto, acionistas da Companhia."

"Foi por esta razão — continuou — que a CTMG conseguiu fazer em Minas 25 mil acionistas, trazendo para o seu corpo de acionistas, cidadãos do interior — Varginha, Itajubá, Barbacena, Leopoldina, e agora, Três Corações, entre outras cidades, fazendo de seus assinantes, seus acionistas".

Falaram após o Dr. Augusto de Lima Neto, o Dr. Milton Sales, represen-

tando o Sr. Magalhães Pinto; o Dr. José Nabak, vice-presidente da Câmara Municipal; o Sr. P. R. Castanheira, Diretor Vice-Presidente da CTMG; o Sr. Niocir Nabuco de Araujo, pela Simens e o Sr. Izidro Pelúcio Meireles, presidente da Câmara local.

Por solicitação do Dr. Lima Neto, o prefeito de Três Corações fez a primeira chamada telefônica.

CHURRASCO E RECEPÇÃO

Após a cerimônia de inauguração oficial do serviço, a Companhia Telefônica de Minas Gerais ofereceu um churrasco.

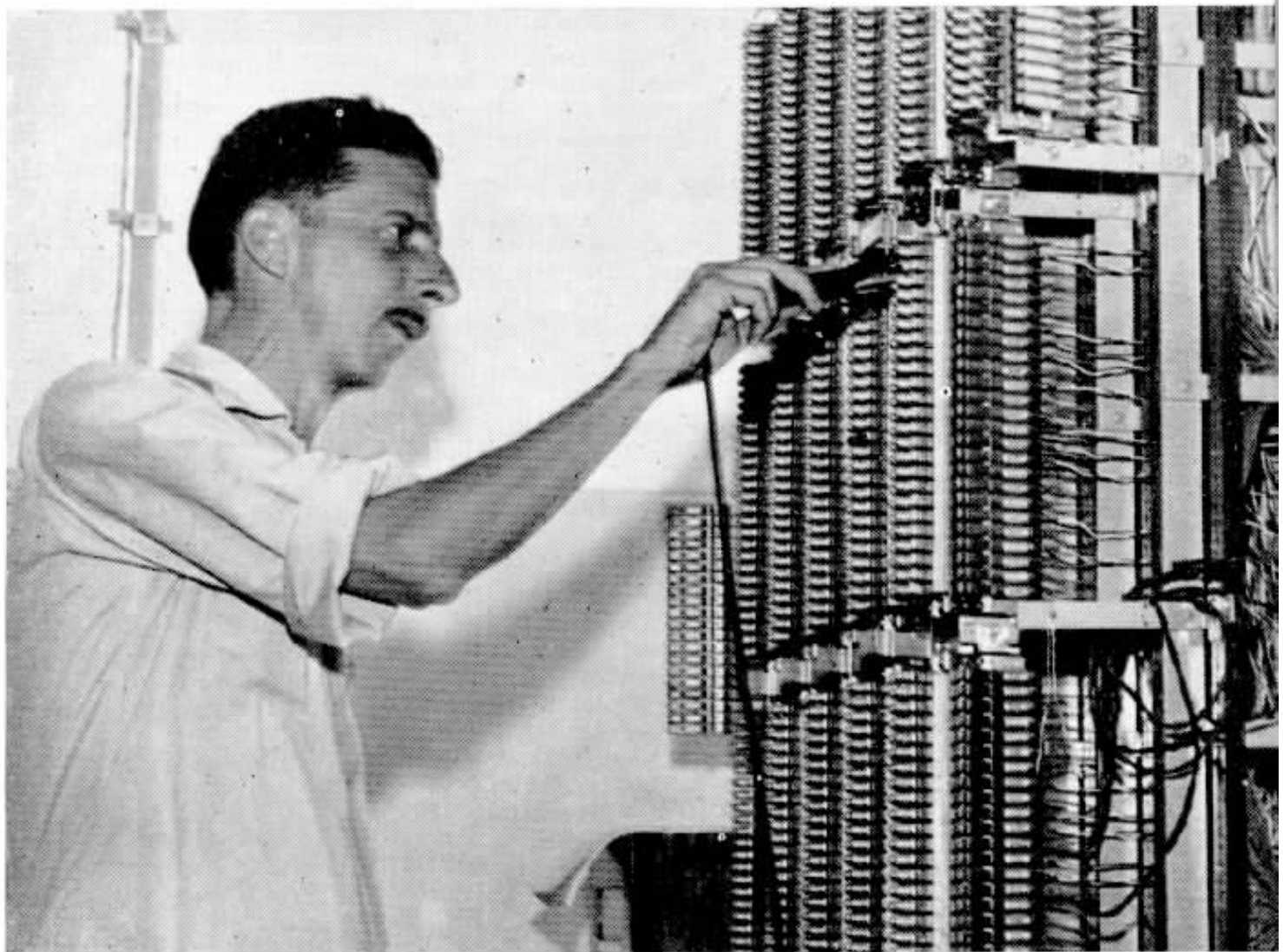
Mais tarde, o prefeito Odilon Rezende Andrade

ofereceu em sua residência, uma recepção aos diretores e funcionários da CTMG e da Siemens, à qual compareceram, ainda, figuras de relêvo da sociedade local e convidados especiais.

O SERVIÇO

A capacidade da estação, ao inaugurar-se, foi logo esgotada, tal o interesse do povo pelo assunto. As quotas são pagas em prestações mensais, com debêntures conversíveis em ações que asseguram aos seus portadores, nove por cento de juros anuais. A integralização do valor da quota, contra as debêntures, dá direito a ações do capital da empresa.

Outra vista da central telefônica de 400 linhas, agora instalada pela Siemens do Brasil, para a CTMG, na próspera cidade mineira de Três Corações, notável marco de grande progresso.



O ÚLTIMO TROTE

Conto de
Herberto SALES



— ALÔ? E' do lanifício?

A voz, tantas vezes disfarçada, deixava-me sempre em dúvida. O meu amigo Soares tinha a mania do trote telefônico. Decididamente a ligação não era para nenhum lanifício. Fôra feita, de brincadeira, para a minha residência, que de lãs só tinha mesmo a de duas ou três sueteres já um pouco surradas e a do cobertor que o inverno me levava a retirar periodicamente do armário.

Mas vinha a dúvida, suscitada pela voz inidentificável: e se fôsse alguém querendo falar realmente com algum lanifício, sabia-se lá qual deles, pois havia tantos na cidade? Na minha estranheza, eu esclarecia do outro lado do fio:

— O senhor está enga-

nado. Aqui não é nenhum lanifício.

Vinha a verdadeira voz:

— Se não é, então vamos abrir um, meu caro. Vamos encher de tecelãs esse chalé de solteiro!

E logo o Soares, numa gargalhada, gozava ele próprio a pilhéria.

Certa vez, num sábado à tarde, enquanto eu desfrutava a remunerada tranquilidade caseira do meio expediente, ouvi o telefone tocar. Corri a atender.

A voz anunciou-se:

— Alô... Aqui é o Azevedo.

— Azevedo? Que Azevedo?

— O da Livraria Coimbra.

Ah! Daquela vez o Soares não me pegaria! Falhara, afinal, sua perícia em disfarçar a voz, carecida do inconfundível sotaque do livreiro português que me abastecia a estante de novidades editoriais.

— Desta vez não caio, Soares — observei. — Conheço demais a voz do Azevedo.

Veio a resposta, vencida:

— Estava brincando. Não é o Azevedo mesmo, não. E' o Mário...

Era só o que faltava! Outro amigo dava-se agora a

brincadeiras telefônicas, o Mário Cunha, meu colega de repartição, amigo também do Soares.

Irritei-me:

— Ora bolas, Mário! Você também pegou agora a mania do Soares?

E o Mário, surpreso:

— O Soares também passa trotes?

— Não faz outra coisa na vida. Planta-se em casa, pega o telefone, e faz de mim a sua vítima predileta. Não aguento mais!

— O Soares é boa praça — contemporisou Mário. — Não há ninguém mais seu amigo do que ele.

— Sei disso. Mas anda me amolando tanto com essa história de trotes, que vou acabar brigando com ele ou mandando desligar o telefone.





— Olhe essa violência! Fique bonzinho, que o Soares está aqui a meu lado e vai falar com você.

Com aquela eu não contava: o Soares na casa do Mário, a passar-me um trote por tabela!

— Alô? Soares? Como vai? Que é que você anda fazendo aí na casa do Mário, rapaz?

— Não vejo o Mário desde ontem — foi a resposta.

Eu não entendia mais nada:

— Que diabo! Você não está na casa do Mário, do Mário Cunha, nosso colega de ministério? Então quem é esse calhorda que estava falando comigo antes de você?

Chegou-me ao ouvido, casquinante, a conhecida gargalhada. E o Soares:

— O calhorda é você, meu caro! Quem estava falando antes era eu mesmo, de dentro da minha casa, depois de ler os jornais, que estão sem novidade nenhuma. Um abraço, e desculpe o mau jeito. Tchau!

Com aquela ligação, inaugurava o Soares uma nova técnica em suas brincadeiras telefônicas, apli-

cando-me uma espécie de trote duplo.

De outras vezes, coitado de mim, e não foram poucas, uma voz feminina vinha pôr-me em alvorôço, insinuando, no bojo do fone, cálida e evocativa, um novo encontro para uma sessão de cinema — e logo depois o Soares se identificava, rindo e zombando do engôdo.

E aí estava o único mérito dos seus trotes. O Soares nunca chegou a levar-me ao constrangimento de um equívoco irremediável, aos vexames de um malentendido amoroso, aos qui-pro-quós de uma situação difícil de explicar. No auge do trote, quando mais firme era a minha convicção telefônica, ele não deixava de se identificar, irritando-me, embora, mas nunca me deixando definitivamente enganado.

Só uma vez me pareceu que ele fugia a essa ética trotista. Foi quando me telefonaram do Banco Montanhês para avisar que havia uma ordem de pagamento em meu nome e solicitavam o meu comparecimento a fim de receber o dinheiro.

— Não brinque, Soares. Deixe de amolação — apelei para ele, ante a insistência daquela voz sêca e formal, que devia ser a dele, competentemente disfarçada.

— Não se trata de nenhuma brincadeira, cavalheiro — protestou a voz. — Aqui fala do Banco Montanhês, Agência Rio Branco.

Só me restava um recurso para descobrir a farsa do Soares.

— Bem, se é mesmo do Banco Montanhês, então o senhor vai me fazer o obséquio de dizer o seu nome, que eu vou ligar em seguida para aí.

E a voz, mais sêca e formal:

— O senhor pode ligar

para o Sr. Sílvio. Sílvio Carvalho.

Ouvi deligarem sumariamente o telefone, e fiquei em dúvida se devia ou não fazer a ligação. O Soares queria brincar comigo. Estava me passando o seu trote de pior gôsto. E se tudo fôsse verdade? Não resisti ao impulso de comprovar a pilhéria. Peguei a lista telefônica, verifiquei o número da agência do Banco, fiz a ligação:

— Quero falar com o Sr. Sílvio Carvalho.

E ouvi de novo a voz sêca e formal, confirmando o aviso da ordem de pagamento. Se a notícia me alegrava, eu experimentava, ao mesmo tempo, a satisfação de ver que o Soares se mantinha fiel à ética de se identificar ao fim de cada trote que me passava. Ainda bem!

Conheci o Soares na época do concurso para o ministério. E em meio às apreensões daquela expectativa comum de candidatos a uma carreira burocrática que, como tantos outros, desejávamos seguir, e na qual punhamos todas as nossas esperanças, uma leal amizade nasceu entre nós dois, destinada a nos unir pelo tempo afora.

Lembro-me do seu primeiro trote. Anunciava-se, em voz cantada e arrastada, como um conterrâneo meu recém-chegado do Norte, dizendo-se portador





de uma encomenda que minha mãe me mandara.

— E' um cesto de frutas — esclarecia a voz.

E logo eu vislumbrei, cuidadosamente acondicionadas pelas mãos maternas, em tons de um amarelo dourado, cajus e mangas da grande feira da minha terra distante, chegados ao Rio com um frescor que só o transporte de avião permitia. Com água na boca, ofereci-me para ir buscar o cesto no hotel onde o portador estivesse hospedado.

Veio a gargalhada do Soares.

— Você já viu algum carioca imitar tão bem o sotaque desses cabeça-chatas que infestam o Rio? — perguntava êle, zombando de mim. — Éta saudade da peste!

E veio afinal aquela noite de sábado, chuvosa, que me reteve em casa, cheio de um tédio imenso. Por volta das 10 horas, o telefone tocou. Fechei o livro que inútilmente eu tentava ler, levantei-me da poltrona, arrastei-me chateado até o corredor. Peguei no fone e levei-o ao ouvido.

— E' do necrotério? — perguntaram.

— Não brinque, Soares — foi tudo o que consegui dizer, porque logo em seguida desligaram o telefone.

Voltei a sentar-me, e durante algum tempo esperei que ligassem novamente. Só podia ser o Soares. Preparei-me para passar-lhe uma descompostura quando êle fizesse a nova ligação. Mas o telefone continuava mudo. Resolvi então ligar para a casa dêle. Ninguém atendia. Certamente o Soares saira com a espôsa, a Mariinha, e estava me passando trote de outro lugar qualquer. Pois ia perder o tempo! Contra os meus hábitos, liguei para o meu próprio número e deixei o telefone fora do gancho. Retomei a leitura do livro, com o rádio tocando baixinho, e finalmente adormeci, ouvindo a chuva cair lá fora.

Despertei por volta da meia noite, desliguei o rádio, e, ainda tonto de sono, fui para a cama, esquecido de repor o fone no gancho. Só na manhã seguinte foi que o fiz, às 7 horas, quando, já meio atrasado para o programa daquele domingo que eu ia passar com uns parentes em Paquetá, saí de casa às carreiras, para não perder a barca das oito.

Durante a travessia, lembrei-me por vezes do telefonema da véspera: "E' do necrotério?" O Soares devia ter voltado a telefonar, mas daquela vez não concluiu o seu trote, pois o meu telefone ficara tôda a noite dando sinal de ocupado. E se não fôsse o Soares? Não, só podia ter sido êle, apesar de não haver se identificado, conforme fazia sempre. Só podia ter sido o Soares!

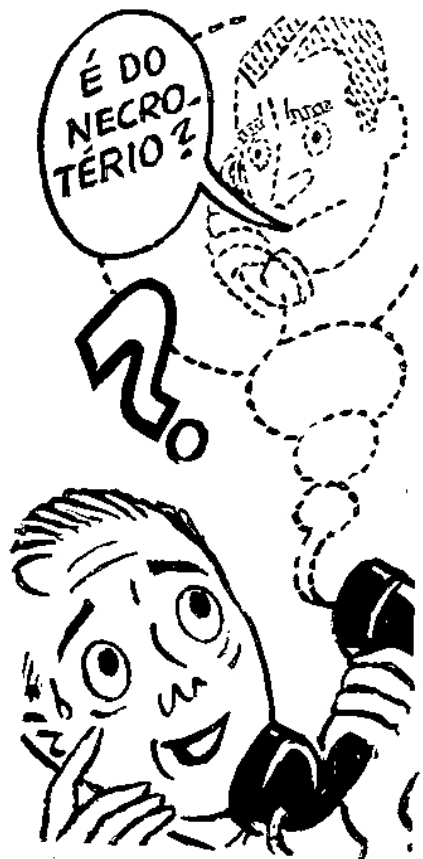
A noite havia dança no pequeno clube da ilha, e acabei dormindo em Paquetá, como ocorria em tais ocasiões.

Na segunda-feira, ao chegar ao ministério, curtindo ainda a ressaca do forrobodó ilhéu, encontrei os colegas contristados:

— Então, não sabe? Coitado do Soares! Foi atropelado no sábado à noite, às dez horas. Os jornais deram. Foi socorrido no Hospital Souza Aguiar, mas teve poucos minutos de vida. O entérro foi ontem.

Naquela hora recebera eu o estranho telefonema: "E' do necretério?"

Hoje, decorridos já tantos anos depois de sua morte, eu às vezes penso na possibilidade de uma ligação errada, e, confesso, em muitas ocasiões, nas minhas crenças espiritas, chego a admitir o telefonema como um sinal que o meu amigo tenha querido me dar. De qualquer forma, agora que o telefone já não me traz a sua voz, e, com ela, os seus mil disfarces imprevisíveis, aquele telefonema ficou, para sempre, como o último trote que o Soares me pregou antes de morrer.



BAURU TERÁ SERVIÇO TELEFÔNICO AUTOMÁTICO AUTOFINANCIADO

MAIS uma cidade interiorana de São Paulo, vem de resolver o problema de expansão e modernização do serviço telefônico.

A vez coube a Bauru, a grande "Cidade sem Limites", exemplo do prodigioso progresso registrado em todo o Estado bandeirante, fiel reflexo da febre de desenvolvimento que envolve todo o Brasil. Bauru, cuja população hoje ascende a mais de cem mil habitantes, passará a contar, em breve, com nova

Mario Messenberg



Prefeito Irineu Bastos

rêde de telefones automáticos, através do sistema de financiamento pelos assinantes

Em ato oficial, o prefeito Irineu Bastos assinou com a Companhia Telefônica Brasileira, vencedora da concorrência pública, o contrato para a instalação de telefones automáticos nesse próspero município, sendo, a C. T. B. representada por José Portugal Gouvêa, diretor-superintendente comercial da Divisão do Interior de São



José Portugal Gouvêa

Paulo e por Mário Messenberg, Gerente de Distrito.

O acontecimento é de grande importância para o elevado grau de progresso de Bauru, pois a nova rede automática será um poderoso fator a mais para o desenvolvimento já bastante significativo desse rincão paulista, dia a dia mais significativo, no promissor quadro de desenvolvimento das cidades bandeirantes.

O telefone, mais uma vez, será mola decisiva de prosperidade e progresso, a contribuir fortemente, com elevadas parcelas para o esperançoso quadro do progresso do Brasil.

Na foto ao alto: José Portugal Gouvêa assinando o contrato em nome da Companhia Telefônica Brasileira. Ao centro: o Sr. Irineu Bastos, prefeito de Bauru, apondo sua assinatura no documento que dará telefones automáticos à sua progressista cidade. Embaixo: Mario Messenberg, gerente do Distrito, também firma o citado contrato.

SANTOS



Waldemar Nalon, veterano de 25 anos, da Rêde, fez a saudação oficial pelos seus colegas.

CERCA de trinta veteranos, colegas que exercem atividade na cidade paulista de Santos e alcançaram novas etapas em suas vidas funcionais, foram festivamente homenageados pela nossa Companhia, nas dependências da Associação Atlética Portuguesa, naquela cidade, com grande afluência de convidados.

A festa foi abrilhantada com a participação do câro da Igreja Presbiteriana que se fez ouvir com pleno sucesso, inclusive no "Hino aos Veteranos".

Após a saudação aos veteranos, feita por José Portugal Gouvêa, diretor-superintendente Comercial da Divisão do Interior do Estado de São Paulo, seguiu-se a entrega dos emblemas aos veteranos, entre os aplausos dos presentes.

As telefonistas santistas, foram parte de relêvo na bonita cerimônia, auxiliando grandemente no seu transcurso e ofertando lindos ramalhetes de flôres a tôdas as veteranas, numa delicada e apreciadíssima homenagem que calou fundo no sentimento de nossas colegas veteranas.

Usou da palavra, em nome dos homenageados, o colega Waldemar Nalon que, em palavras expressivas, ressaltou o significado daquela festa para quantos ali se encontravam, certos de um dever cumprido e felizes pela convivência de tantos anos de trabalho fecundo e útil à coletividade.

A cerimônia terminou com farto bufete, a que se seguiu animadíssimo baile do qual participaram centenas de pares, numa nota alegre, a coroar a bela cerimônia, sempre amável motivo de confraternização, espelho fiel da fraterna amizade que cerca os servidores da CTB.



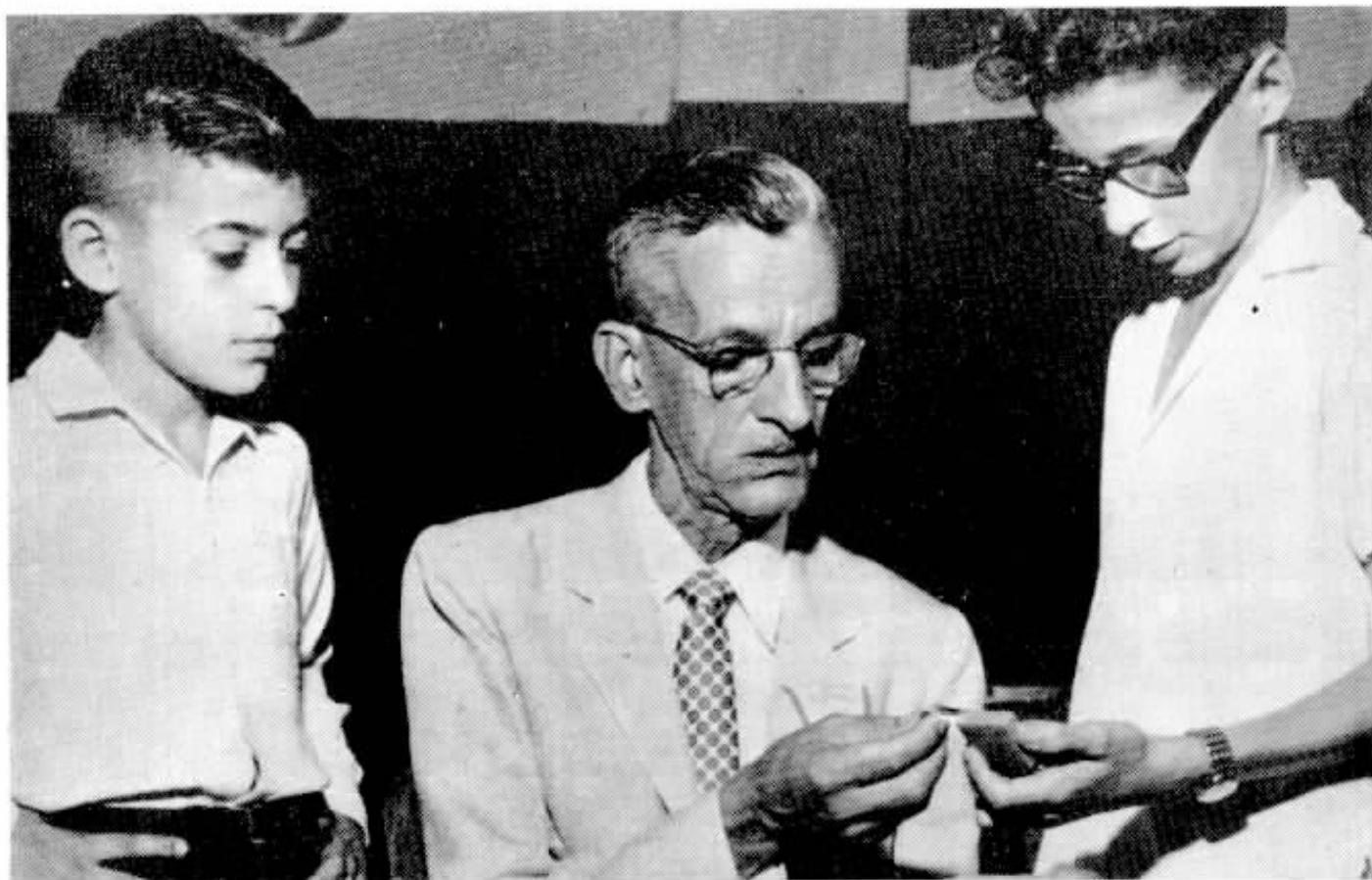
Abilio Coetho Ferraz, veterano de trinta e cinco anos, da Rêde, recebeu os cumprimentos de J. Ter Sarkissoff.



Acima, Adelaide Gomes Diegues, colega do Comercial, recebeu flôres pelos seus 35 anos de atividades. Abaixo, Ignacio de Oliveira, da Rêde, recebe o abraço da esposa. São muitos anos de trabalho positivo para a CTB.



Mais uma promoção festiva de homenagem a colegas Veteranos



Acima, Joaquim Togores, o mais antigo veterano homenageado, e que completou quarenta anos de serviço, junto a seus netos que, curiosos e com orgulho, examinam o emblema recebido pelo vovô. Abaixo, aspecto parcial da grande assistência à excelente festa na Associação Atlética Portuguesa.





Junto à dedicada agente Ana Candido Cunha, responsável pelo serviço em Pompéia, aparecem as cinco telefonistas que com a sua dedicação, se fizeram dignas do reconhecimento de toda a cidade.

O QUE DIZEM DE NÓS

DOIS INCÊNDIOS DESTACAM O TRABALHO DILIGENTE DE NOSSAS COLEGAS TELEFONISTAS

NOSSA habitual seção de relêvo aos registros de atos destacados levados a efeito por funcionários de nossa organização, desta feita, será inteiramente dedicada a dois acontecimentos: o primeiro foi o incêndio ocorrido na cidade paulista de Pompéia, trágica ocorrência que abalou profundamente a população local, destruindo nada menos do que cinco estabelecimentos.

A violência do sinistro mobilizou todos os esforços de Pompéia para debelá-lo, fazendo também com que, voluntariamente, acorressem a seus postos,

embora de folga, para auxiliar a única colega de serviço, Elsa dos Reis, as telefonistas Maria C. Reis, Nilce B. Brasil, Maria M. N. Rissato e Helena Oliveira.

O vulto do sinistro exigia mesmo, o esforço e cooperação de todos, mas, sem dúvida, seus efeitos foram menores, graças ao trabalho eficiente dessas nossas colegas, exaltadas pelas autoridades e o grato povo local que não se cansam de elogiar o espírito público dessas leais servidoras da CTB, a que agora, também prestamos homenagem.

FOGO NO CIRCO

O segundo grande acontecimento a que nos reportaremos, foi o terrível drama do incêndio do circo armado em Niterói, em que cerca de três centenas de pessoas perderam a vida, comovendo a nação.

A CTB desdobrou-se para atender no que fosse possível às exigências da hora de integra' mobilização de socorros. O seu trabalho foi louvado em sentido e honroso ofício enviado à nossa Companhia pelo Sr. governador Celso Peçanha, grato e reconhecido

COISAS que aconteceram...

EM SAINT LOUIS, no Missouri, EUA, um assaltante entrou de arma em punho numa loja, e, depois, deu à encarregada da caixa, dois níqueis para que ela pudesse chamar a Polícia.

Quando os policiais chegaram, meio apavorada, a caixa — Lillie Thomas — declarou que quando o assaltante entrara na loja, ela declarara não ter dinheiro algum ali. O ladrão respondeu:

— Não brinque, moça! Tenho que “cavar” a grana de qualquer maneira. Tenho seis filhos!

Ato contínuo, ordenou à empregada que abrisse a caixa. Sem ver dinheiro algum, perguntou-lhe se dispunha de um níquel para chamar a polícia.

— “Não vou chamar ninguém, enquanto estiveres com essa arma”, exclamou ela. O assaltante, rindo, atirou-lhe dois cents sobre o balcão e, saindo, disse:

— Vela-ei mais tarde, para irmos a um cinema...



VINTE MIL suspeitos foram presos no ano passado em Londres, devido ao sistema utilizado e que consiste em discar “999” para chamar a polícia. Dizem que o sistema funciona tão eficientemente que, muitas vezes, a Rádio Patrulha chega ao local, antes mesmo que a pessoa que telefona tenha acabado de dar as explicações da ocorrência.



UM NOSSO colega que é surdo notório, comprou secretamente, um dos novos aparelhos amplificadores de som, que são quase invisíveis. Ficou tão satisfeito que contagiou seus colegas de trabalho, os quais logo descobriram a causa da sua satisfação. Um dia, seu chefe disse-lhe:

— “A sua família deve estar muito alegre também”.

— “Não, nem sabem que

eu tenho este aparelho”, respondeu êle. “Em compensação, eu estou me divertindo como nunca! Já alterei meu testamento duas vezes, nesta última semana!!”



UM GUARDA, andando pela rua, viu um homem com um telefone embaixo do braço.

— “Está esperando alguma chamada?”, perguntou o policial.

O homem correu e o guarda correu também. Pegou-o e levou-o para o distrito policial mais próximo, por suspeição de roubo. Ali, diante da autoridade, o homenzinho pediu para telefonar. Queria um advogado. E consultou diante de todos, a lista telefônica que vinha presa ao aparelho roubado...

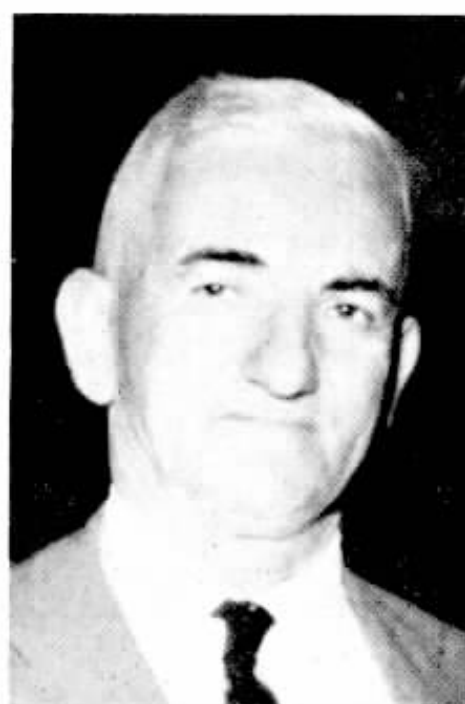
NUMA aula de um dos cursos mantidos pela Companhia, perguntou-se a um dos alunos, qual o número de telefones existentes no Brasil, em ano à sua escolha. O aluno ficou visivelmente preocupado mas, finalmente, sorriu e respondeu: “1760 — nenhum”. Estava certo.

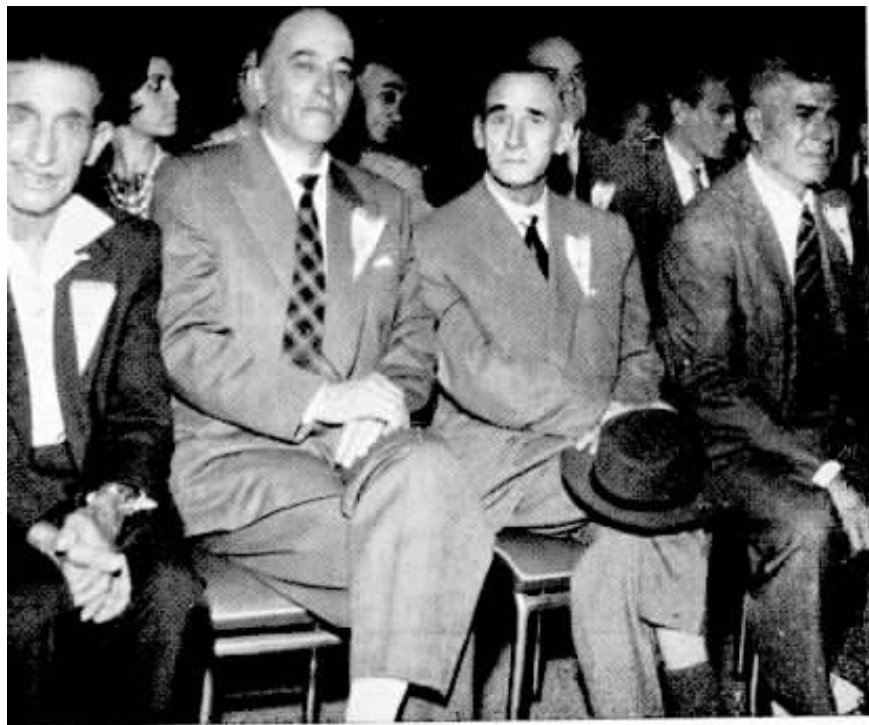


Duas veteranas da Contabilidade Mecanizada, com dez anos de serviço: Neyde R. Uiani, à esquerda e Angelina P. Baroni, à direita, recebem cumprimentos de suas colegas de labor.

SÃO PAULO: RECORDE O NÚMERO DE VETERANOS

Mesa diretora da cerimônia de entrega de emblemas aos funcionários veteranos.





Ao lado, grupo dos mais antigo veteranos, na festa, com que a Companhia Telefônica Brasileira brindou àqueles que receberam emblemas.

Abaixo, veteranos de quarenta anos de Companhia: Frederico A. Knoeller de Souza, da Rêde; Carolina Teixeira, do Tráfego e Giuseppe Rizzo, também da Rêde de S. Paulo.

A CERIMÔNIA tradicional da entrega de emblemas aos veteranos de São Paulo, este ano, registrou um verdadeiro recorde, pois nada menos do que trezentos e cinquenta e três veteranos, receberam os seus sinos comemorativos de etapas vencidas de serviço, totalizando a astronômica e expressiva soma de cinco mil novecentos e trinta e cinco anos de atividade produtiva, em benefício da coletividade servida pela Companhia Telefônica Brasileira. Entre os colegas que receberam a almejada distinção, figurou pela primeira vez na história de nossa organização, um veterano de cinquenta anos de trabalho, o conhecido e querido atleta e excelente colega e eficiente funcionário, Alfredo Gomes, conhecidíssimo do público desportivo bandeirante por ter sido o primeiro vencedor da tradicional corrida de "São Silvestre" e que, pelo fato inusitado, foi alvo das mais carinhosas e quentes palmas da festa.

A solenidade teve lugar no amplo salão de refeições da sede da CTB na capital paulistana, presentes superintendentes gerais de departamento com o Sr. Carlos Reis Filho "a fazer as honras da casa", como diretor-superintendente geral na Divisão de São Paulo. Presentes, também, L. A. Latimer e Wilson Pereira da Cunha. Carlos Reis saudou os veteranos, agradecendo Alfredo Gomes, e à cerimônia seguiu-se um belo lanche, bastante apreciado pelos inúmeros convidados, autoridades e familiares dos veteranos presentes.



A esquerda, três veteranos que completaram 45 anos de serviço, da Rêde: Ferdinando Camacho, Domingos Bevilacqua e Raphael Tobias Antonini.



35 ANOS
Ernest Markgraf



José Izidoro Barrella, veterano de trinta e cinco anos, da Rede de São Paulo, teve um dia muito feliz completado pelos beijos de seus filhos.



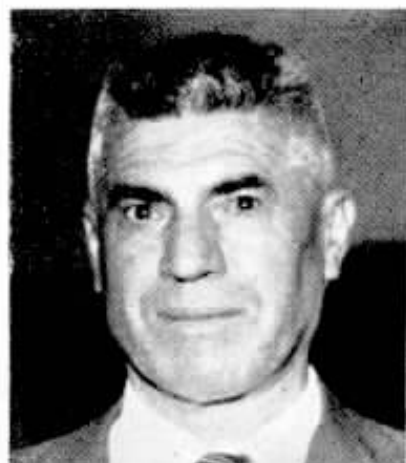
35 ANOS
Sylvio Olympio de Faria
Pascini



Em cima, à esquerda, Helena Ribeiro Fernandes, 35 anos de serviço, recebe um beijo do sobrinho. Ao lado, Elisiário Pinto Lima, Superintendente de Tráfego, 40 anos de C.T.B. Embaixo, alegre grupo.



Victor Eduardo Campanilo e
Paschoal Cordone, ambos de
35 anos.





35 ANOS
Alcides Pivello



35 ANOS
Paulo de Sá Rocha



35 ANOS
Frederico Ewald Dolsner



35 ANOS
Ignacio de Loyola Nardy



35 ANOS
Sylvia Fristachi



35 ANOS
Avelino Raposo



35 ANOS
Achilles Taurisano



35 ANOS
Vicente Giro



35 ANOS
José de Deus



35 ANOS
Cecília Pereira de Carvalho



35 ANOS
Luiz Batista Silva



35 ANOS
Margarida Faggin Garcia

NATAL NA GUANABARA



Natal é o mesmo alegre e suave motivo de confraternização por toda a parte. Nestas páginas, aspectos de festas natalinas em São Paulo e no Rio. A direita, ao alto, na estação da Rua do Costa, no Rio, uma pôse em que aparecem várias Telefonistas-Chefe e alguns dos chefes de serviço do Tráfego da Guanabara. Ao centro, um pormenor da agradável e concorrida festa natalina do Tráfego de São Paulo e, abaixo, foto colhida durante o «reveillon» promovido pelo Telefônica Clube paulistano, vendo-se à mesa, entre outros chefes de serviço e junto ao colega Nelson Ferroud, presidente do TC; o superintendente geral do Tráfego, Marialva F. Melo; José Português Gouvêa, superintendente comercial de Divisão de Interior e Armando Del Papa, superintendente do Pessoal de Divisão de S. Paulo.

E EM SÃO PAULO



Nas amplas dependências da Estação Norte, na Rua do Costa, as telefonistas que ali trabalharam, armaram belíssima árvore de Natal a que tôdas deram especial atenção. O resultado foi o melhor, atestando o bom gosto das moças.



Ainda do «reveillon» promovido em S. Paulo no dia 31 de dezembro, para bem aguardar a entrada de 1962, este flagrante é com um grupo de risonhas colegas paulistas.

**Os Sinos
de Natal
Tangeram**



BROTAS



BAURU



SOROCABA ▲ OLÍMPIA ▼



LIMPIRA



SÃO MANUEL



AGUDOS ▲ DOIS CÔRREGOS ▼



**Nas Festas
do Interior
Paulista**



BROTAS



ITAPIRA



PENÁPOLIS ▲ CAMPINAS ▼



NATAL: FESTA DA



O Departamento Comercial, na Guanabara, fez realizar bonita festa a que compareceram chefes e subordinados. No clichê, L. J. Goulart e F. Barbastefano, junto a outros colegas daquele departamento.



Em São Paulo, a Contabilidade Mecanizada levou a efeito a sua festa natalina, dentro da maior solenidade. Não faltaram surpre-



A Contadoria da Renda de São Paulo, convocou o Papai Noel e reuniu todos aqueles que a servem. Foi uma festa bonita e concorridíssima a que nada faltou como o atesta a foto acima.



As festas natalinas do Departamento do Pessoal, na Guana-

CONFRATERNIZAÇÃO



...sas agradáveis, como a proporcionada pela colega que compareceu com os trajes de seus ancestrais japoneses.



O Departamento do Pessoal, em São Paulo, encontrou, na festa do Natal, o bom motivo para reunir em torno à mesa tradicional, chefes e subordinados unidos pelo mesmo ideal de paz e boa compreensão.



...bara, são sempre das mais animadas e repletas de agradáveis surpresas. A foto mostra alguns dos participantes da festa.



O Departamento da Rede, na Guanabara, também deu a sua festa natalina, com a correspondente distribuição de apreciados presentes.

GUANABARA: ZONA RURAL TEVE UM BELO NATAL

DELICADO pretexto para festas tôdas carinho e dedicação, o Natal, com a sua mística envolvente, motiva, todos os anos, as festas mais esperadas e concorridas que se realizam no âmbito da C.T.B.

Há como que uma porfia por fazer melhor, empenhando-se departamentos e seções nos atos comemorativos mais alegres e tocantes, para satisfação de todos quantos emprestam à nossa empresa, o melhor de seus esforços.



BANGU



JACAREPAGUA



SANTA CRUZ



ILHA DE PAQUETA



CAMPO GRANDE



MARECHAL HERMES



SERVIÇO "06"



ILHA DO GOVERNADOR





SÃO VICENTE



AVARÉ



BOTUCATU



SANTA CRUZ
DO RIO PARDO



JAU



RIO CLARO



SÃO JOSÉ DO RIO PRÉTO



Houve um momento de expectativa. Papai Noel estava para chegar e tóda a atenção era pouca.

São Paulo: Papai Noel Com a Petizada do T. C.



JÁ se tornou tradição a presença de Papai Noel nas comemorações natalinas do Telefônica Clube de São Paulo. Todos os anos, o bondoso e lendário velhinho tem um encontro marcado com a criançada, filhos dos nossos colegas do T. C., onde, pacientemente, lhes faz a distribuição de bonitos e variados presentes. Papai Noel é figura bem-vinda, pois ele sempre traz alegria e esperança para todos.



A garotinha contempla, satisfeita, o que lhe trouxe Papai Noel. Que conterà a caixa?



Pai Noel estêve presente conversando com a petizada e distribuiu presentes a todos.

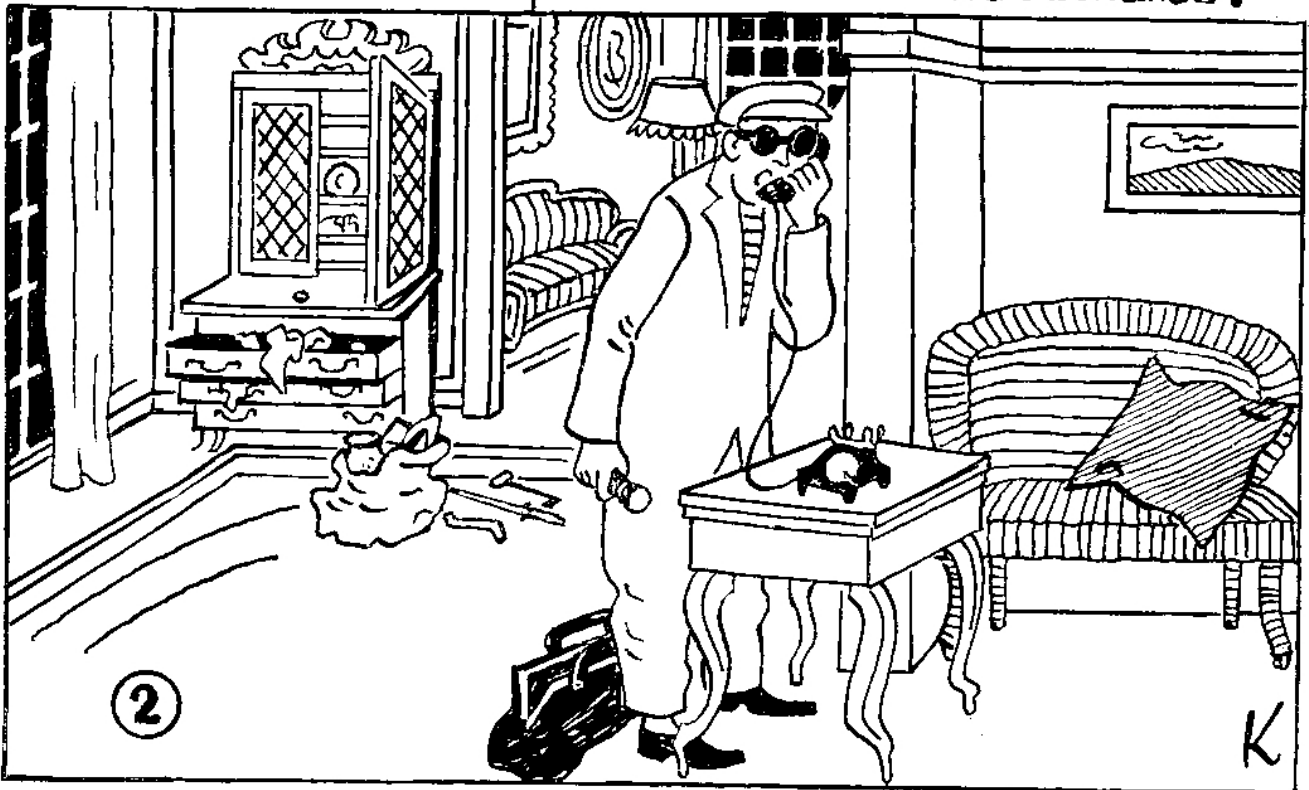
ENIGMA dos ENGANOS



VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ
CONSEGUE DESCOBRIR OS
2 ENGANOS COMPARANDO
O DESENHO ① COM O ②
(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



- Teresa, quantas vezes já lhe disse para não me telefonar quando eu estiver trabalhando?





Este anel compõe-se de uma pedra imitando ágata, presa por pequenos ganchos.



Alzira, nossa modelo d'êste número, apresenta um anel em prata, vazado, com pedra.



Brincos - pingentes também em prata, com a base arredondada e incrustações.



Uma grande pedra branca destaca-se neste anel, presa a uma base alta e compacta.

MODA

JÓIA MODERNA
PARA A MULHER
DE BOM GÔSTO



Alzira exhibe um sensacional colar de fio de prata, próprio para a noite e só com roupa decotada.

TAMBÉM nas jóias existe o moderno, o atual, o estilo que combina admiravelmente com a mulher de hoje. Mais baratas que as jóias convencionais, feitas nos mais caros materiais preciosos (ouro, platina etc.), nunca acessíveis aos nossos bolsos, os modelos que hoje apresentamos e que são ressaltados pela beleza suave de Alzira têm outra grande vantagem: são exclusivos, criações únicas, destinadas a dar o toque de "diferente" na complementação da elegância.

Neste verão, é quase certo vermos os modelos que estamos publicando vencerem aqueles tradicionais — pulseiras de ouro, brincos e anéis de pérolas e toda a linha de jóias em série, que adornam indistintamente as mulheres de todos os tamanhos, idades, pesos e tipos. Porque apesar de toda essa tradição, é fácil perceber que em matéria de bom gosto a originalidade é um capítulo importantíssimo, e nada mais batido do que as jóias preciosas, que contam, naturalmente, pelo valor dos materiais que contêm e que, revendidas, fazem reverter o dinheiro que nelas foi gasto. Mas, qual a mulher que compra ou ganha uma jóia para vendê-la depois? Ela existe pelo prazer de ser usada e admirada, e estas que estamos apresentando passam por qualquer prova.

ACESSÓRIOS DE VERÃO SIMPLES E CÔMODOS, COM ALGUNS DETALHES

ALZIRA está toda na moda. Depois de apresentar várias jóias que estão causando sensação entre as mulheres elegantes, e que entusiasmarão, também, nossas leitoras, ela nos mostra, nestas páginas, uma bolsa esporte, modelo italiano, que tem a vantagem de poder ser levada ao ombro e no braço, bastando que se dobrem as alças. Acompanha a bolsa uma sandália em couro cru (material para bolsas, sapatos e sandálias que ainda está na ordem do dia), com aplicações de pequenas bolas de cobre.

Ainda no terreno das sandálias com aplicações, temos outra, em couro branco com losangos dourados. Naturalmente, os dias de calor requerem conforto e comodidade, tanto no vestuário como nos calçados. As sandálias constituem uma invenção fabulosa, mas nunca é demais dar atenção a certos detalhes: elas só são bonitas e elegantes quando novas, ou então muito bem conservadas. Outro problema é o cuidado no andar, numa tentativa para sujar o menos possível os pés, que ficam expostos. Nem é preciso dizer que toda mulher tem obrigação de trazer os pés e as unhas bem tratados; mesmo que não se use esmalte, é necessário usar uma base ou o incolor, e cuidar de tudo, pelo menos uma vez por semana.

Voltando a falar em jóias, reparem a pulseira e o anel que a nossa modelo usa nesta página: formam um lindo conjunto em prata, digno de ser usado nos melhores ambientes e com as roupas mais caras. Além das criações que apresentamos em prata, elas podem ser confeccionadas, também, em cobre e latão, com ou sem o recurso das pedras, que nunca são polidas, conservando seu primitivismo. Embora a pedra preta seja a mais usada, as verdes, azuis e vermelho-sangue destacam-se admiravelmente nestas peças.

Um dos joalheiros responsáveis por elas é o artista-artesão Caio Mourão, que executa minuciosamente cada modelo e não os repete jamais. Seu estilo é rústico e a composição de suas jóias é quase sempre primitiva. Para justificar essa preferência, ele costuma dizer: "A jóia é feita para completar a mulher em todos os aspectos. O primitivismo é um deles." Concordam?



Acima, Alzira apresenta sandálias «mais fechadas, com losangos dourados». Ao lado, ela aparece com um conjunto de bolsa e sandálias do tipo italiano, esportivo. Embaixo, pulseira de prata tipo escrava, combinando com anel também de prata, onde se destaca uma pedra vermelha em forma oval. Todos estes acessórios destacam ainda mais a beleza de Alzira.





VETERANOS DA GUANABARA

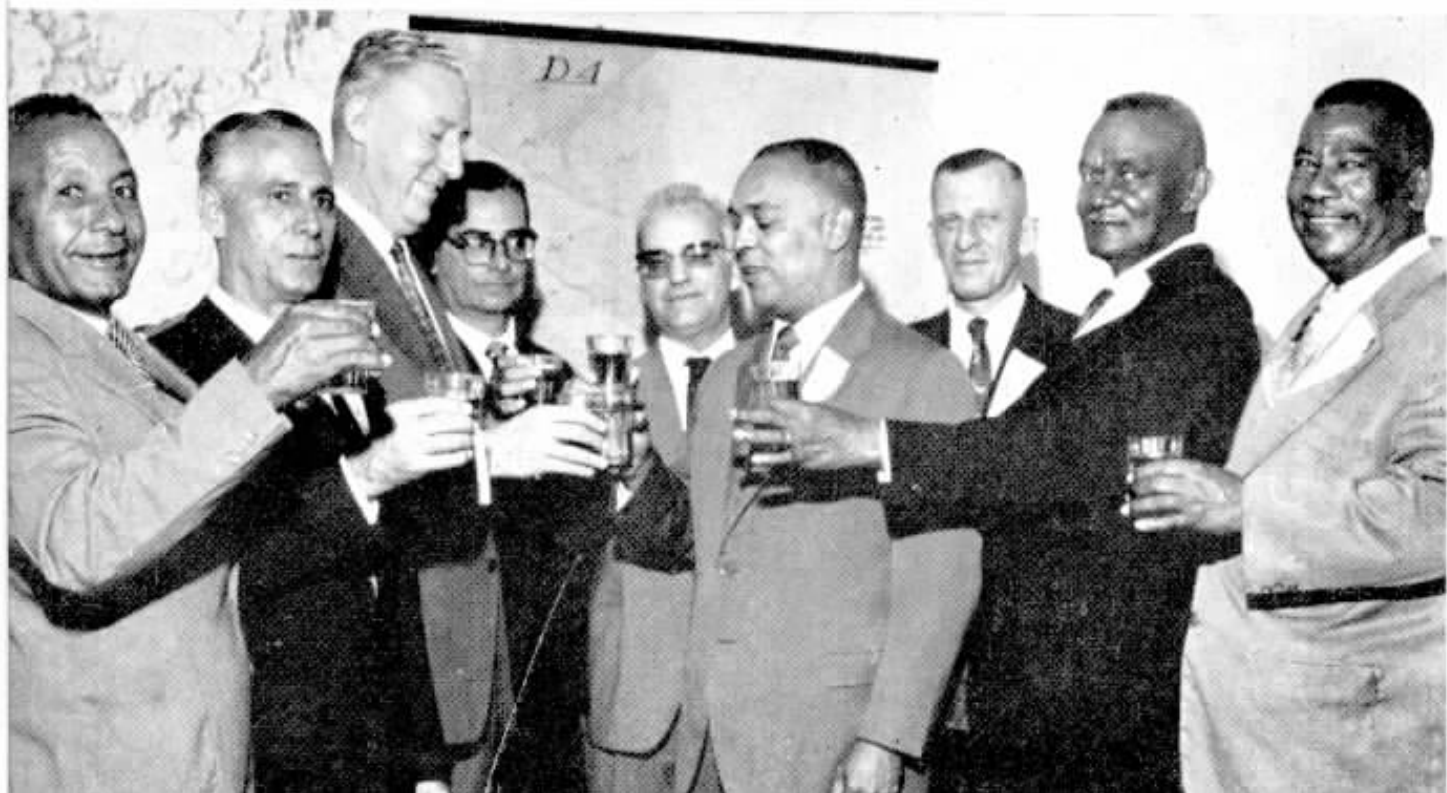


Epaminondas Moreira Lopes fez 40 anos de C.T.B. Por isso, lhe é colocado à lapela, o símbolo representativo desse tempo.

COMO habitualmente acontece, anualmente, foi realizada mais uma bonita festa em homenagem aos nossos colegas veteranos, no edifício sede da Companhia Telefônica Brasileira, no Estado da Guanabara, ocasião em que também receberam os emblemas comemorativos correspondentes às várias etapas de serviço que prestaram, galhardamente, à empresa.

Compartilharam da solenidade, Superintendentes Gerais de Departamento e de Divisão, Chefes de Seções e demais funcionários que ali foram prestar a sua homenagem aos veteranos.

A solenidade de entrega de emblemas é sempre um motivo para confraternização. B. J. P. Tancred, Superintendente Geral da Rêde, saúda seus auxiliares que completaram 35 e 40 anos de serviço.





Lindolfo Joaquim Goulart, Superintendente Geral Comercial, veterano de 25 anos de serviço na C. T. B., recebe seu emblema das mãos do Dr. Theodoro Arthou, Consultor Geral.

Ao todo, duzentos e sessenta e um veteranos foram homenageados, sendo saudados por L. A. Latimer, que expressou o valor desse acontecimento não só para a administração da Telefônica, que tem sob a sua orientação funcionários capazes, eficientes e que dignificam a organização em que trabalham, como também para o próprio funcionário, que sente a satisfação de completar nova etapa de atividades junto aos seus colegas, num ambiente sadio, de respeito e de camaradagem.

Após a entrega de emblemas que foi feita pelos respectivos superintendentes aos veteranos de seus departamentos, assistiram, todos, a um "show". Nessas promoções do Departamento do Pessoal nota-se o interesse dos nossos colegas em prestar aos veteranos a sua homenagem, a ela comparecendo e os aplaudindo com vivas palmas.

Para o encerramento da brilhante festa, foi oferecida uma farta mesa com apetitosas e variadas guloseimas e refrigerantes.

Paulo Coelho recebe um abraço sincero de B. J. P. Tancred. É que o veterano Paulo Coelho completou 25 anos de Telefônica.





40 ANOS
Nilo Mello de Oliveira



35 ANOS
Nathalino Gentil



Manuel E. Fernandes e Erothil-
des C. Oliveira, 35 anos de CTB.



Teófilo de Pontes Filho recebe de Edu Haack, o sím-
bolo de 35 anos de bons serviços em nossa empresa.



[Sorridente, Murilo F. Madeira que completou 35 anos
de CTB, é cumprimentado por Marcelo D. Machado.



Bernardo Antônio Ribeiro Filho recebeu de B. J. P.
Tancred, o emblema de 35 anos de ótimos serviços.



A família de Milton de Almeida Pereira partilhou da festa dos veteranos. Milton completou 20 anos de CTB.



Estas colegas ofereceram um brinde aos veteranos, seus colegas de trabalho, num preito de amizade.



Grande número de pessoas compareceu à solenidade de entrega de emblemas aos inúmeros veteranos.



35 ANOS
José Hermenegildo de Souza

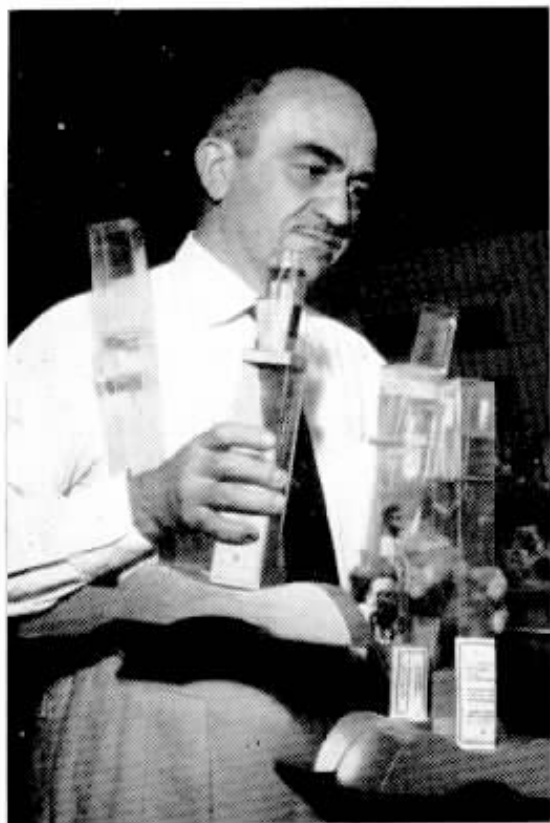


35 ANOS
Mário Cordeiro



João Ferreira Azevedo e José T. Dias, ambos com 35 anos de CTB.





Oldemar Lima de Andrade, de Relações Públicas, obteve o 1º lugar em trabalhos artísticos no setor Diversos. Excelentes.



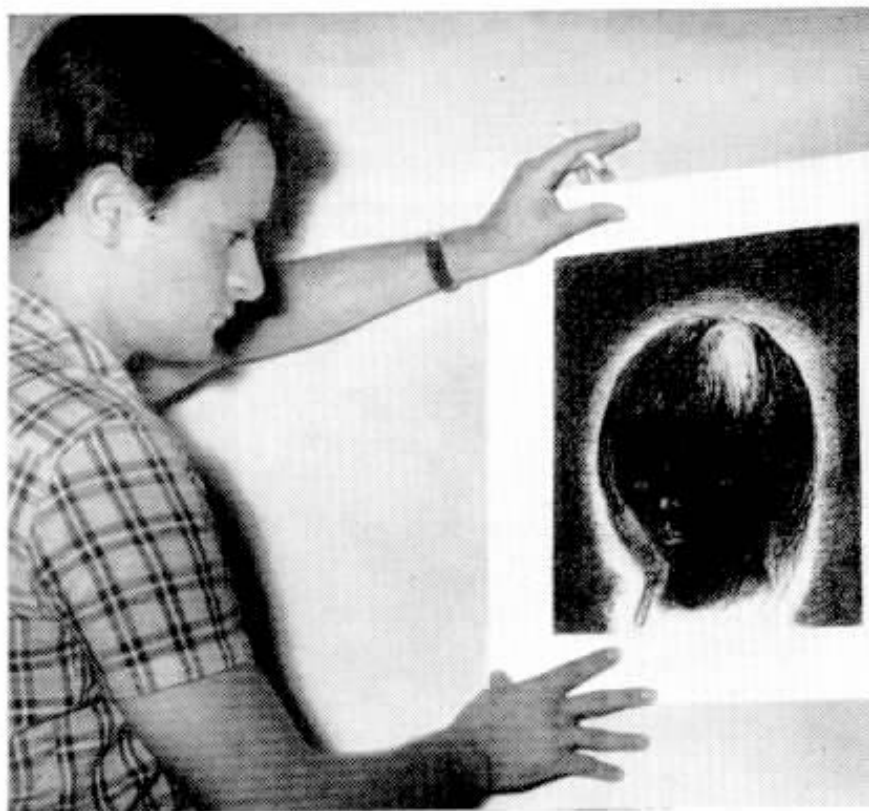
Pierre Ferreira de Sá, dos Estudos da Réde, recebe das mãos de Wilson P. Cunha o certificado de primeiro colocado no Setor Pintura. Pierre impressionou muito bem a

Salão de Arte Revela Artistas Da CTB

O II Salão de Arte dos Empregados da Companhia Telefônica Brasileira, teve um transcurso brilhante e superior ao I que tantos excelentes resultados tinha alcançado.

As diversas categorias: Pintura, Desenho, Escultura, Caricatura, Fotografia, tiveram expressivos defensores, assinalando-se magnífico êxito nesta Mostra, já realização definitiva no calendário anual de promoções dentro da CTB.

As fotos que estampamos são a prova conclusiva do êxito dessa iniciativa de valor para revelar a quantidade e melhor que isso, a qualidade dos artistas-colegas.



O primeiro lugar na categoria Desenho foi obtido por Arnaldo Carneiro da Rocha Netto, do Departamento de Engenharia de Expansão da Réde. Traço firme.



comissão julgadora dos trabalhos, composta dos professores Carlos Magano, Ubi Bava e Almir Gadelha.

Augusto Flavoni, do Departamento da Rede de Divisão da Guanabara, obteve o segundo lugar na classe Pintura. Artista magnifico tem na natureza morta, uma excelente e marcante expressão dos seus trabalhos.

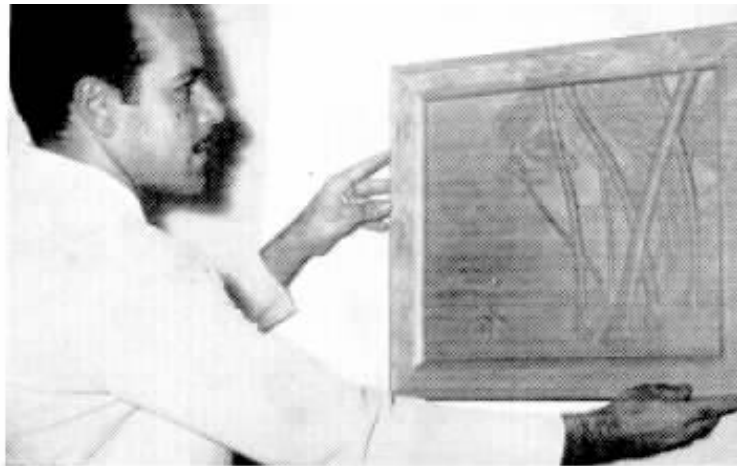


A comissão julgadora formada por artistas de nomeada nacional, teve grande trabalho para chegar aos resultados finais, tantos eram os trabalhos dignos de menção. Nas diferentes categorias houve bem o que julgar. O resultado foi justo e acatado por todos. Valeu.

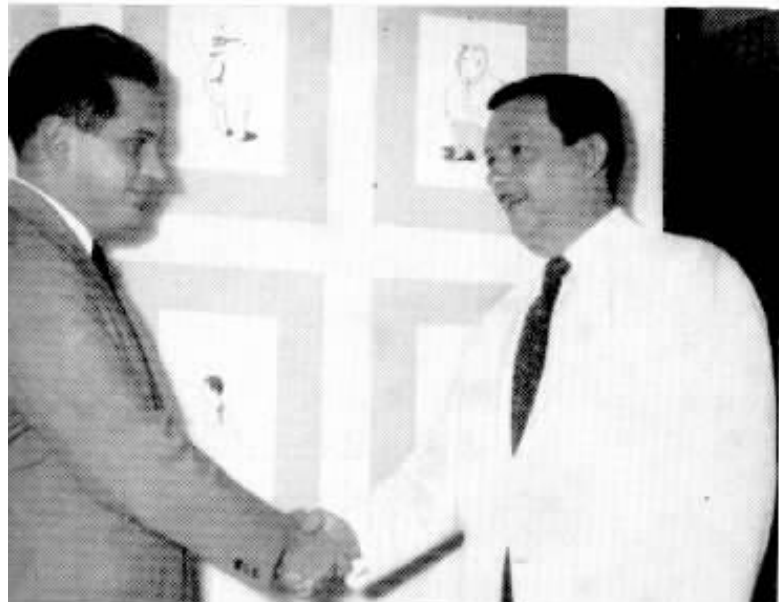
SALÃO DE ARTE

CONTINUAÇÃO

Haroldo José de Mendonça, do Departamento de Transportes da Rêde, foi o vencedor no setor de Escultura, com belos trabalhos de arte.



Abaixo, Américo Nascimento Vidal, dos Estudos da Rêde, destacou-se em segundo lugar na categoria de Desenho.



Acima, à direita, cumprimentado pelo colega expositor Newton Viana, Ary Dutra de Castro, vencedor em Caricatura. Abaixo, Walkyr Feijó, de branco, 1º lugar em Fotografia, com o expositor Francisco Cortez, destacado atleta.



Abaixo, Gelson Almeida, da Administração da Rêde, de frente, 3º lugar em Pintura, recebe os cumprimentos de Marcos C. e Silva, menção honrosa.





Wilson F. Cunha foi surpreendido no prestar homenagem à colega Isaura Costa, que se aposentou, ao ver que a festa também era sua e merecidamente. Ambos trocaram lembranças que lhes ofereceu o pessoal do Departamento. Fideli Barbastefano é visto ao centro.

Homenagens, Promoções e Transferências

PELA sua elevação ao cargo de Superintendente Geral do Pessoal, Wilson Pereira da Cunha foi alvo de simpática manifestação de aprêço dos funcionários do Departamento Comercial, na ocasião em que também homenageavam a colega Isaura Costa que naquela data deixava a C.T.B. para gozar de merecida aposentadoria.



Fideli Barbastefano foi transferido para o Departamento Comercial de Divisão da Guanabara, no cargo de seu Superintendente.

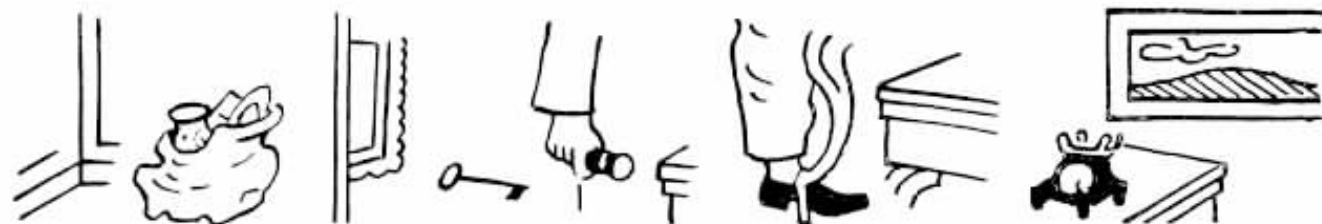


Para exercer as funções de Superintendente de Administração Comercial, foi nomeado Waldemar Pires de Lima.



Waldemar Pires de Lima que já ocupou diversos postos de relêvo na organização, foi agora elevado ao cargo de Superintendente de Administração Comercial da Companhia Telefônica Brasileira.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»



Falta um friso vertical

Aparece uma jarra no saco

Falta a curva no quadro

Uma chave aparece no chão

Sumiu a aba do paletó

Encurtou a calça do ladrão

A gaveta está sem puxador

O fio do telefone sumiu

A segunda colina desapareceu



- Eu sei que às vezes tem água lá embaixo, mas Você exagera!

Sino Humor

através da imprensa mundial



- Dona Clara, posso falar com o seu papagaio?



(Campainha do telefone tocando)



-Seria bom se a Ruth telefonasse! Eu a tenho tratado com muito desleixo últimamente...